

NOSSA SENHORA DA AÇOTEIA

TEXTO DE LUÍS CAMPIÃO
PRÉMIO LUSO-BRASILEIRO
DE DRAMATURGIA "ANTÓNIO
JOSÉ DA SILVA 2012"

CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO
DE LUÍS VICENTE





NOSSA SENHORA DA AÇOTEIA // SINOPSE

A acção decorre em meados dos anos 60 do século passado, numa aldeia do Algarve litoral, quando aqui ainda eram pujantes a faina da pesca e a indústria da conserva de peixe, e os homens e mulheres viviam do mar e para o mar. Os turistas encetavam as primeiras incursões a um Algarve deles ainda distraído... E tinha já começado a guerra colonial.

A peça revela-nos encadeadas sequências de condenações familiares diversas, umas evidentes, outras obscuras. São narradas por uma personagem do tempo dos nossos avós. Fala-se de um outro tempo, portanto; e também de uma outra memória.

O que a personagem narra é em muitas ocasiões risível, mas colectivamente trágico; assim como é em muitas ocasiões trágico, mas colectivamente risível. É a vida! Que foi assim; que é assim. A essência da natureza humana afirma-se na sua plenitude intemporal.

Envenenamentos; bruxarias; um esquartejamento; a guerra colonial a ensandecer um homem; uma sexualidade encoberta; uma experiência macabra; violência física e psicológica extrema ao longo de três gerações... Paixão e Morte (como em Lorca).

E, por fim, o aparecimento de uma "Nossa Senhora", numa casa em chamas. Enfim: uma maravilha de tragédia!

NOTAS BIOGRÁFICAS



LUÍS CAMPIÃO
O AUTOR

Nasceu em 1974, em Portimão. Iniciou a sua formação em 1995 na Escola de Formação Teatral do Centro Dramático de Évora. Em 2001 concluiu a Licenciatura em Teatro – Ramo: Actor na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo no Porto. Em 2003 participou no Seminário de Formação para Jovens Encenadores no Teatro Nacional D. Maria II, onde trabalhou, entre outros, com Gennadi Bogdanov e Krystian Lupa. Concluiu, em 2004, a pós-graduação em Texto Dramático na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Entre 2001 e 2011 desenvolveu trabalho em várias áreas no domínio do teatro. Como actor independente trabalhou com companhias como Meta-Mortem-Fase, Teatro Experimental do Porto, Teatro Nacional S. João, Al-Masrah Teatro, Baal17, Teatro das Beiras, e com encenadores como Polina Klimovitskaya, David Wheller, Dennis Benard, Mário Barradas, Joana Providência, Júlia Correia, José Wallenstein Gil Nave, entre outros.

Como encenador, dirigiu textos de Sarah Kane, Alberto Adellach, Ester Gerritsen, Fausto Paravidino, Bertold Brecht, Anton Tchekhov e Eurípides. Como dramaturgo escreveu as peças *A Cova dos Ladrões* (2010, ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve, Faro), *Parabéns* (2012, Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa), *Nossa Senhora da Açoteia* (2012, editada pela Chiado Editora; Prémio Luso-Brasileiro António José da Silva, e primeiro prémio do Concurso de Textos Teatrais do Teatro Universitário do Porto), e *O Menino da Burra* (2013, editado pela Companhia das Ilhas, Menção Honrosa no concurso Inatel - Novos Textos).

Termina tese de mestrado em Artes Performativas - Escritas de Cena, na Escola Superior de Teatro e Cinema em Lisboa.



LUÍS VICENTE
O INTÉRPRETE

Estudou Mecânica e Psicologia. Com o patrocínio da Fundação Gulbenkian estudou Expressão Dramática. Estagiou com Catherine Dasté. Colaborou com várias instituições no âmbito da formação em Interpretação, Produção e Gestão Teatral, designadamente com a UNESCO.

Exerceu docência no ensino privado e no ensino público. Exerceu funções de produtor executivo do Festival de Almada. Exerceu funções de director de casting, director de projecto e de coordenador de produção em inúmeros trabalhos publicitários, filmes institucionais e longas-metragens nacionais e internacionais.

No teatro participou em mais de 60 produções de grandes autores da dramaturgia mundial, quer como intérprete, quer ainda como encenador e produtor. Em distintas funções trabalhou em teatro, cinema e televisão em Espanha, França, Polónia, Angola, Bélgica, Alemanha e Luxemburgo. Participou em inúmeros trabalhos radiofónicos e televisivos: teatro, novelas, séries.

Foi em várias ocasiões e sob diferentes pretextos, distinguido e premiado em Portugal e no estrangeiro. A crítica refere-o como um dos mais prestigiados actores portugueses contemporâneos.

É director artístico da ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve.

ALGUMAS NOTAS CRÍTICAS SOBRE LUÍS VICENTE

O Presidente

“Luís Vicente é irrepreensível como presidente,”

João Carneiro, Actual – Expresso, 06/12/08

“Ora Luís Vicente, excelente, destaca-se de longe no entendimento da sátira e dos duplos sentidos.”

Rosário Anselmo, Visão – Sete, 04/12/08

“(…)O Presidente, interpretado de forma ímpar por Luís Vicente, habituado aos atentados, passeia as mágoas pelo destino de charme dos governantes europeus da primeira metade do século XX, levando a sua amante oficial a apreciar as delícias do Atlântico no Estoril.(…) Um óptimo exercício de encenação de Joaquim Benite, que soube articular as potencialidades de um texto ousado com as capacidades de excepção dos actores Teresa Gafeira e Luís Vicente.”

Ana Oliveira, Jornal do Algarve, 22/01/2009

A Tempestade

“Uma personagem principal ambígua, que oscila entre o furor de vingança e a grandeza do perdão, um nobre escravagista, cujo carácter nesta representação é consequentemente contraditório. Luis Vicente encarna-o com tanto Pathos e pose, que já é pouco habitual ver nos palcos alemães desde os tempos de Gustav Gründgens – mas não menos impressionante.”

Dieter Lintz, Trierischer Volksfreund, 14/02/2011

“Foi surpreendente a expressiva facilidade e presença com que todos os actores portugueses convidados conseguiram simplesmente ofuscar os seus colegas alemães.”

Metallkopf, 14/02/2011

“Luis Vicente brilha no papel principal e o seu ar severo, duro, mas patriarcal e portentoso”

José Luís Correia, Contacto, 23/02/2011

O Primeiro

“Luis Vicente está delirante na sua personagem de ‘pintas’ ”

Ana Cristina Oliveira, Jornal do Algarve, 21/04/2011

NOTA CRÍTICA SOBRE O ESPECTÁCULO

Jorge Louraço Figueira, Estado do Crítico
Jornal Público, 24 de Fevereiro de 2015

A palavra popular tem as costas largas. Mas quando uma peça evoca Santareno e Régio de um só trago, já para não falar em García Lorca e García Márquez, estamos em pleno campo da poética do povo, nem que seja aparentemente. Os autores citados são antepassados ilustres desta peça, que ganhou em 2012 o prémio luso-brasileiro de dramaturgia António José da Silva, entretanto desactivado pelas instituições que o atribuíam.

Esta versão de Nossa Senhora da Açoteia, cortada — o texto original é maior — mas também enriquecida pelo actor e encenador Luís Vicente, é um retrato da pronúncia regional e das atitudes em relação ao sexo e ao casamento numa pequena comunidade piscatória, no caso do Algarve, nos anos 60 do século passado, que mostra, em especial, a tensão entre o desejo feminino e o desejo masculino, e o modo com cada um deles é, quando era, permitido. A história desta linhagem de mulheres foi inspirada por uma visita do autor, com a mãe e uma tia, a uma antiga fábrica de conservas transformada em museu.

O texto é o relato na primeira pessoa, como se falasse sozinha, mas na presença do marido, estendido na cama, dos segredos de família de uma mulher cujas antepassadas sempre mataram, mais tarde ou mais cedo, os cônjuges. A razão principal, entre outras, era a violência iniciada por eles quando elas não lhes davam filhos varões.

As mortes sangrentas são contadas com aparente descaso, como se outra coisa não pudesse ter acontecido, dada a sucessão de acontecimentos. Os actos sexuais são contados com gozo, em tom de confiança, mas sem fazer disso bicho de sete cabeças. Sem culpa nem censura, e sem pathos absolutamente nenhum, a mulher revela-se inocente, no fundo expondo uma ordem de valores que sai da esfera da moralidade burguesa — ou pelo menos a provoca. Não é todos os dias que se vê isto em cena. Mostrando-se como marioneta nas mãos do destino, ou pelo menos nas mãos da bisavó, da avó e da mãe, por sua vez vítimas dos homens do mar, esta mulher é quase santa. Depois de ganhar a nossa simpatia dessa maneira, as revelações finais — que não vamos contar — surgem como naturais, ao invés de monstruosas. Esse trabalho de desnaturalizar preconceitos é igualmente precioso.

O tom é realista, e vem das fontes documentais, biográficas e/ou etnográficas, mas o que conta na peça, como no espectáculo, são as metáforas e a simbologia dos actos e das circunstâncias. O lado feminino executa o lado masculino, não tanto de acordo com a cartilha freudiana, mas sobretudo segundo uma tradição de grotesco marítimo e rural, no qual se incluem os eventos milagrosos, que vem da literatura oral, e também graças ao ar desabrido da narradora, que permite conjugar erotismo e culto religioso. Também não é frequente. Devia ser mais.

FICHA ARTÍSTICA, TÉCNICA E PRODUÇÃO:

Texto: Luis Campião

Criação e Interpretação: Luís Vicente

Execução Cénico: Tó Quintas

Figurinos: Luís Vicente

Desenho e Operação de Luz: Otávio Oliveira

Direcção Artística e de Produção: Luís Vicente

Produção Executiva: Elisabete Martins

Divulgação: Rita Merlin

Secretariado: Ana Anastácio

Produção: ACTA

Duração: 60m (sem intervalo)

Classificação etária: Maiores de 12 anos

Promotor: ACTA

CONTACTOS/ MARCAÇÕES:

e-mail: geral@actateatro.org.pt

tlm: 917 861 861 – Ana Anastácio

tlf: 289 878 908